

Invasores da Estrutural fazem fila para tentar conseguir um lote que fique bem longe dos conflitos

Fotos: Gláucio Dettmar



Marlene Mendes (de calça jeans) tenta convencer moradores da Estrutural que tentam ganhar um lote definitivo a sair da fila e é impedida de entrar na administração pelo major Wolney Rodrigues

CANSADOS DE GUERRA

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

A bandeira do Brasil resistiu. Arrancada do meio da Estrutural na última sexta-feira pelos tratores do governo — quando a cidade se transformou mais uma vez em um campo de batalha — na manhã de ontem, eis que o símbolo ressurgiu das cinzas. Melhor: do poeirão.

Imponente, num mastro gigantesco de madeira, o monumento foi erguido. Solitária entre os destroços e terra vermelha, meio rasgada e cansada de guerra, lá está ela. “É pra gente lembrar que *tamo* (sic) no Brasil. Esse país tão cheio de terra e nós sem nada”, explicou um morador.

Sem papas na língua, o bêbado mais famoso da invasão — conhecido como Paraíba — subiu nos escombros do que restou da igreja Ministério Norte América (derrubada junto com uma madeireira) e soltou o verbo. À plena luz das 10h30. “Marlene é a maior líder da Estrutural”, palmes para Marlene. Paraíba, que meda pouco mais de 1m50, ficou gigante diante do discurso improvisado. Cambaleando, não se conteve: “Cristovam é um ladrão safado, que só tem perseguido o povo trabalhador”, vaias para o governador.

Desolado, o pastor Benedito Moreira Costa, de 50 anos, repetia: “O que aconteceu aqui na sexta-feira foi uma violência contra o Senhor”. Com a Bíblia na mão, de terno e gravata, sob calor e poeira, o pastor goiano plantou-se em cima das vigas de concreto e bradou: “O Senhor está conosco e o castigo do governo será divino”.

Aos poucos, a multidão foi se juntando diante do homem que prevê castigo dos céus. “Deixa, pode deixar! Deus vai dar ao governador e toda a corja dele o que merecem”, gritou uma mulher com um filho no braço e outro na barriga.



Neide Márcia Souza, sentada sobre os escombros de seu comércio, diz - mas não prova - que policiais a roubaram

Enquanto pragas divinas eram encomendadas ao governo do Distrito Federal, chega à invasão a líder do bêbado Paraíba. Marlene Mendes entrou na Estrutural acompanhada do pastor-presidente da igreja derrubada, Figueiredo Paranaguá.

Nun gol zerado, celular em punho e bem vestido — terno, gravata e sapatos pretos cuidadosamente engraxados — o pastor desceu em frente aos destroços da Ministério Norte América.

Fiéis o cercaram. Aplaudiram-no. “Vamos entrar hoje (ontem) com indenização na Justiça por danos morais”, avisou Paranaguá.

Marlene, a líder dos invasores, aproveitou para fazer outro discurso: “O governo veio aqui para derrubar madeireira, mas tudo não passou de uma farsa. Eles só derrubaram casa de família, de trabalhador”.

Em seguida, garante: “Aqui nunca existiu madeireira, mas peque-

nos depósitos de madeira, onde os moradores guardavam material de construção”.

SEM ROUPA

A dona do tal mercearia derrubada, Neide Márcia Souza, de 22 anos, assistiu ao discurso da líder. Aplaudiu Marlene. Disse-lhe palavras de apoio.

Um quilômetro dali, sentada no meio dos destroços e lamentando os bens que diz ter perdido, Neide engrossou as denúncias. “Implorei para que eles não derrubasse meu comércio, mas riram de mim e arrebitaram a porta do meu barraco”, conta. “A PM roubou todo o dinheiro do caixa, levou o videocassete e meus móveis. Eu e meus dois filhos ficamos com a roupa do corpo”, acusa. “Ela terá que provar todas as acusações”, avisa o major Wolney Rodrigues, administrador da Estrutural.

Ouvindo a lamentação de Neide, o companheiro de invasão, desem-

pregado Hugo César de Oliveira, de 32 anos, desabafa: “Nossa integridade moral tá queimada. Quando a gente vai procurar emprego e diz que mora aqui o pessoal não quer mais nem conversa”.

CADASTRAMENTO

Na entrada da invasão, 30 policiais militares revistavam os carros que entravam. “É para apreender veículos irregulares, roubados e também coibir armas e drogas”, explica o tenente Escobar, responsável pela operação. Até o final da manhã, nada de anormal registrado. “Apenas um caminhão de bebidas, que abastece os botecos da invasão, foi impedido de entrar”, diz Escobar.

Longe dali, na sede da Administração Militar que a PM montou na Estrutural, mais policiais faziam novo cadastramento dos moradores. “Estamos colhendo dados para o Idhab (Instituto de Desenvolvimento

Habitacional do Distrito Federal)”, informou o major Wolney.

Esses dados ajudarão o instituto a classificar as primeiras 500 famílias que seguirão para lotes em Riacho Fundo e Recanto das Emas até o final do ano. O governo chama o novo cadastramento de identificação familiar.

“Estamos cumprindo o projeto *Morar Legal* do governo. Serão obedecidos critérios que comprovem a política habitacional adotada pelo GDF. Levaremos em conta se o candidato tem cinco anos em Brasília e se antes não foi beneficiado com lotes do governo”, detalha a presidente do Idhab, Alexandra Reschke.

Até o meio-dia de ontem, pelos menos 500 moradores fizeram a nova ficha. Cada um recebeu uma carta do governo em que começa: “O diálogo acabou. A questão virou política de gente mal intencionada, de má-fé...”

ENTRE A CERCA

Com a carta na mão, Marisa Costa, de 32 anos, comentou: “Só não quero ir pra debaixo da ponte”. Ivanilde Brito, 22 anos, vizinha na fila da inscrição, concorda: “Vou pra qualquer lugar. Tô traumatizada com tanta violência. Quero ter paz pra viver”.

Quando tudo parecia calmo, Marlene — sempre Marlene — apareceu na sede da Administração Militar. Quis entrar. Foi barrada pelos policiais. Chamou o major Wolney. Da cerca, a conversa nada amistosa:

— “Eu queria saber pra onde essas pessoas vão?”, perguntou a líder.

— “Para lotes no Recanto das Emas e Riacho Fundo”, respondeu o militar.

— “Mais uma vez vocês vão ser enganados”, retrucou ela, rindo com ironia.

Nesse momento, algumas pessoas que estavam na fila saíram do lugar e acompanharam a líder. Houve vaias. Lucimeire Marques, 23 anos, dois filhos e grávida do terceiro, não acompanhou. Em pé e sob forte calor, agüentou na fila por mais de duas horas. “A única coisa que quero é ir embora daqui.”